

ESCRITA DO/NO BLOG: A EMERGÊNCIA DO EFEITO-AUTOR

WRITING OF/ON BLOG: THE EMERGENCE OF
EFFECT-AUTHOR

[Metadata, citation and similar papers at core.ac.uk](#)

Faculty of Veterinary Medicine UFRGS

Fernanda Correa Silveira Galli¹

Resumo: *Nesse artigo, busco refletir sobre a autoria do/no blog como uma posição-sujeito autor/leitor, o que, de meu ponto de vista, desmistifica a im-pressão de unidade que o autor parece carregar, possibilitando a emergência de um efeito-autor, que na des-continuidade discursiva produz um “novo” efeito de sentido. Destaco que esse estatuto do “novo”, da perspectiva teórica francesa dos estudos discursivos, diz respeito aos efeitos outros de sentido dos dizeres (saramaguianos) que emergem nas atuais condições de produção – as das chamadas novas tecnologias de informação e comunicação. É com essa formulação pecheuxtiana de que os discursos retornam, de modo diferente, sempre, que procuro traçar essa reflexão sobre a autoria, com o olhar voltado especialmente para o blog “Outros Cadernos de Saramago”.*

Palavras-chave: *blog, escrita, autoria, posição-sujeito.*

Abstract: *In this article I reflect on the authorship of/on blog as a subject-position writer/reader, which, from my point of view, demystifies the impression of unit that the author seems to load, allowing the emergence of an effect-author that in the discursive discontinuity produces a “new” direction effect. I emphasize that this status of “new”, of the theoretical perspective of French of the discourse studies, concerns the effects of other sense of the words (saramaguianos) that emerge in current production conditions – the so-called new technologies of information and communication. It is with this pecheuxtiana formulation of speeches return, differently usual, always, I try to draw this reflection that on authorship, especially with attention to the blog “Outros Cadernos de Saramago”.*

Keywords: *blog, writing, authorship, subject-position.*

¹ Desenvolve pesquisa de Pós-Doutorado na Universidade de São Paulo – Ribeirão Preto/ FAPESP.

Introdução

*Tudo ainda é tal e qual /
E no entanto nada é igual.*
(Caetano Veloso, Os mais doces bárbaros)

No atual projeto pesquisa que venho desenvolvendo, sobre as dobraduras do discurso no espaço digital da internet, tenho procurado refletir especialmente sobre a escrita e a autoria do/no blog “Outros Cadernos de Saramago”, disponível na página da Fundação José Saramago (www.josesaramago.org). Em trabalhos anteriores, procurei pensar o blog como um espaço de memória e de atravessamento de vozes, considerando o retorno dos discursos como re-produção que se dá na e pela diferença. Na presente abordagem, proponho uma reflexão de cunho teórico sobre a noção de autoria do/no blog, a partir das contribuições foucaultianas sobre a temática e dos desdobramentos do conceito na esteira teórica da análise do discurso de linha francesa pecheuxtiana. Busco, então, no âmbito da discussão dos estudos discursivos, refletir sobre a autoria do/no blog como uma posição-sujeito autor/leitor, o que, de meu ponto de vista, desmistifica a im-pressão de unidade que o autor parece carregar, possibilitando a emergência de um efeito-autor, que na des-continuidade discursiva produz um “novo” efeito de sentido. Destaco que esse estatuto do “novo”, da perspectiva teórica discursiva, diz respeito aos efeitos outros de sentido dos dizeres (saramaguianos) que emergem nas atuais condições de produção – as das chamadas novas tecnologias de informação e comunicação. É com essa formulação pecheuxtiana de que os discursos retornam, de modo diferente, sempre, que procuro traçar essa reflexão sobre a escrita e autoria, com o olhar voltado especialmente para o blog “Outros Cadernos de Saramago”.

Refletindo sobre autor(ia)

*Um texto é feito de escritas múltiplas,
oriundas de várias culturas e que entram
umas com as outras em diálogo, em paródia,
em contestação; mas há um lugar onde essa
multiplicidade se reúne, e esse lugar
não é o autor, (...), é o leitor.*
(Roland Barthes, A morte do autor, 2004, p.64)

No início do texto ‘O que é um autor?’, um registro da apresentação feita à *Société Française de Philosophie*, em 1969, Foucault fala sobre as críticas referentes a algumas questões que apareceram em “As palavras e as coisas”, procurando justificar que: a) embora tenha citado nomes de autores, não estava preocupado com o que eles tinham dito ou querido dizer, mas “procurava encontrar as regras pelas quais eles tinham formado um certo número de conceitos ou de teorias que se podem encontrar em suas obras” (2002, p.32), buscando as recorrências no discurso; b) sobre a formação de famílias monstruosas e a aproximação de nomes tão opostos [como os de Buffon e Lineu, de Cuvier e Darwin], Foucault (Idem) coloca que não estava preocupado em formar famílias de sábios e pensadores dos séculos XVII e XVIII, mas, sim, buscava “as condições de funcionamento de práticas discursivas específicas”.

Foucault segue e aponta que a questão que se põe, de fato, para aquele momento, é a do autor (Ibid., p.33), noção que “constitui um momento forte da individualização na história das ideias, dos conhecimentos, das literaturas...”. Contudo, Foucault adverte que deixará de lado, ao menos naquela tarde, a análise histórico-sociológica do personagem do autor e não tocará em questões “como é que o autor se individualizou numa cultura como a nossa, que estatuto lhe foi atribuído, a partir de que momento, por exemplo, se iniciaram as pesquisas sobre a autenticidade e a atribuição, em que sistema de valorização foi o autor julgado, em que momento se começou a contar a vida dos autores de preferência à dos heróis...” (Idem).

Foucault se debruça, então, sobre a “relação do texto com o autor, a maneira como o texto aponta para essa figura que lhe é exterior e anterior, ao menos na aparência” (Ibid., p.34). Para tanto, ele parte da seguinte formulação de Beckett: “Que importa quem fala, disse alguém, que importa quem fala?”, e reconhece nessa indiferença um dos princípios éticos fundamentais da escrita contemporânea: “uma regra imanente, constantemente retomada, nunca completamente aplicada, um princípio que não marca a escrita como resultado, mas a domina como prática” (Idem). Essas considerações parecem apontar para o fato de que não só há textos desprovidos da função-autor, como também essa função se constitui “como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência” (FOUCAULT, 2003, p.26).

Deslocando essa discussão para a perspectiva da análise do discurso francesa pecheuxtiana, temos que a função-autor está sempre em funcionamento, ou seja, o texto não pode ser pensado sem a função-autor. Orlandi (2001), ao abordar a questão da autoria, problematiza e reelabora a ideia de função-autor proposta por Foucault, (re) definindo-a como uma função discursiva do princípio de autoria. Para a análise do discurso, então, um “texto pode não ter um autor específico, mas sempre se imputa um autor a ele” (ORLANDI, 2000, p.77). Desse modo, existe na base de todo discurso a ideia totalizante de sujeito, o que o converte em autor, lugar em que, segundo Orlandi (2001, p.73), se constrói a unidade do sujeito – em sua não-contradição, coerência e completude imaginárias –, e, por consequência, para quem se projeta o texto em sua unidade. É preciso, pois, conceber a unidade na dispersão:

Assim, mesmo se o próprio do discurso e do sujeito é a sua incompletude, sua dispersão, e que um texto seja heterogêneo, pois pode ser afetado por distintas formações discursivas, diferentes posições do sujeito, ele é regido pela força do imaginário da unidade, estabelecendo-se uma relação de dominância de uma formação discursiva com as outras, na sua constituição. Esse é mais um efeito discursivo regido pelo imaginário, o que lhe dá uma direção ideológica, uma ancoragem política. (ORLANDI, 2001, p.74).

Ainda sobre a questão da função-autor sob a ótica da teoria discursiva, trago as colocações de Gallo:

A assunção de autoria pelo sujeito, ou seja, a elaboração da função-autor consiste, em última análise, na assunção da “construção” de um “sentido” e de um “fecho” organizadores de todo texto. Esse “fecho”, apesar de ser um entre tantos outros possíveis produzirá, para o texto, um efeito de sentido único, como se não houvesse outro possível. Ou seja, esse “fecho” torna-se “fim” por um efeito ideológico produzido pela “instituição” onde o texto se inscreve: o efeito que faz parecer “único” o que é “múltiplo”, “transparente” o que é “ambíguo”. (GALLO, 1992, p.58).

O fecho apontado por Gallo me leva a pensar no funcionamento das postagens do/no blog “Outros Cadernos de Saramago” como um movimento que produz “num só momento o ‘novo’ [aspas minhas] e

sua própria memória”, conforme coloca Baldini (2007, p.3), já que “fazer sentido é re-significar o que preexiste e, nesse jogo, produzir a memória que sustenta o sentido novo”, que irrompe do “velho”. E isso parece se dar pelo efeito-autor. Recorro, aqui, às colocações de Orlandi (2012, p.55) sobre o conceito de político: “não há sujeito, nem sentido, que não seja dividido, não há forma de estar no discurso sem constituir-se em uma posição-sujeito e, portanto, inscrever-se em uma outra formação discursiva que, por sua vez, é a projeção da ideologia no dizer”.

Desse modo, a teoria discursiva permite não só uma abertura para novas leituras e reflexões, como também proporciona pensar (politicamente) “a língua, as línguas, as linguagens, os sentidos, os sujeitos, o mundo” (ORLANDI, 2011, p.12), e, complemento, a autoria, mexendo com a ilusória transparência da linguagem e com a estabilidade dos sentidos e dos sujeitos, sempre interpelados ideologicamente. Pensar a constituição do sujeito a partir da interpelação ideológica é considerar, portanto, que toda posição é convocada à existência e às relações com o outro, de maneira que é, também, no jogo de forças entre os discursos que as posições-sujeito se constituem e que emergem os sentidos, processos que se dão na determinação histórica. Desse ponto de vista, parece-me que a autoria pode ser pensada nesse jogo de relações em que o sujeito é levado a assumir uma posição, produzindo leitura e interpretação singulares, já que

colocamos a escrita como um processo que não é da ordem da técnica, ou seja, não é seguindo aquelas regras que aparecem nos conhecidos manuais de “como escrever bem”, ou nos que têm a pretensão de contribuir para que alguém “melhore sua redação”, que, de fato, nos colocamos na posição de autoria.” (ABREU, 2011a, p.51).

Pensando a escrita

*O que a escrita exige,
e que nenhum amante lhe pode
conceder sem dilaceramento, é que ele
sacrifique um pouco de seu Imaginário,
e que assegure assim, através de sua língua,
a assunção de um pouco de real.*

(Roland Barthes, Inexprimível amor, 2003, p.160)

Pensar a escrita a partir do olhar discursivo é considerar, antes de tudo, o sujeito enquanto posição que se constitui simbolicamente numa sociedade de códigos (não só) escritos. Na contemporaneidade, vemos emergir outros modos de produção e de circulação da escrita, o que envolve diferentes relações com o político, em especial na rede eletrônica, e, ainda, “uma mudança no processo de autoria, pois ao mesmo tempo em que está na mão do sujeito/autor a ação de se autorizar a publicar, no caso de blogs, por exemplo, há uma dispersão dessa autoria em páginas visíveis ou ocultas na Rede...” (ABREU, 2011a, p.54). Nessa esteira, uma escrita não garante ou supõe uma autoria: ela emerge como efeito, a partir de representações escritas dispersas que se (des)organizam pelo sujeito-autor-leitor que, “afetado pela sua inserção no social e na história”, tem a identidade configurada pelo lugar social (ORLANDI, 2001, p.76). Assim,

não se é autor (ou leitor) do mesmo na Idade Média e hoje. Entre outras coisas, porque a relação com a interpretação é diferente nas diferentes épocas, assim como também é diferente o modo de constituição do sujeito nos modos como ele se individualiza (se identifica) na relação com as diferentes instituições, em diferentes formações sociais, tomadas na história. Trabalham aí diferentes formas do confronto do político com o simbólico. (ORLANDI, 2001, p.77).

A escrita envolve, então, uma relação do sujeito com a história e é “movida por um real que demanda sentidos ininterruptamente, de modo que toda tentativa de ‘escrevê-lo’ está às voltas com as incompletudes e as faltas” (NUNES, 2006, p.45), as quais, a meu ver, se potencializam com a inscrição do sujeito na rede eletrônica. Essa inscrição do sujeito na letra, conforme coloca Orlandi (2006, p.24), “é um gesto simbólico-histórico que lhe dá unidade, corpo, no corpo social”. Assim, mesmo na dispersão incalculável do espaço virtual, parece-me que a escrita do/no blog “Outros Cadernos de Saramago” apresenta certa unidade: um modo de individualização do sujeito da escrita (saramaguiana) emerge, mas “de formas diferentes nas diversas conjunturas históricas” (ORLANDI, 2006, p.24), dada a abertura de circulação da escrita e de produção de sentidos pelo sujeito.

Nessa esteira, aponto a escrita com um processo que possibilita ao sujeito – tanto ao escritor de sua própria escrita quanto ao leitor de

escritas outras – experimentar uma posição-autor, que, constantemente, joga “com a falha, as aberturas às interpretações e nisso consiste nosso risco na autoria.” (ABREU, 2011b, p.10). Sob essa ótica, em ambas as posições – de escritor-autor e leitor-autor, o sujeito se inscreve entre o mesmo e o diferente, heterogeneidades que lhe constituem, discursos e gestos interpretativos que lhe conferem uma posição-autor peculiar. Nessa posição-autor, o sujeito pode se formar, se transformar, se criar e re-criar, movimento que se re-apresenta a cada escrita, a cada leitura... momento em que os sentidos ger-minam, lugar em que se experimenta, ainda que inconscientemente, a instabilidade e a opacidade da linguagem. Para dialogar com essas minhas elaborações, trago as palavras de Saramago, para quem ser escritor, ou estar na posição-autor, é

Uma maneira de entender o mundo, uma forma de assistir a um universo que então começava a se manifestar com uma série de mudanças que exigiam de mim coerência de pensamento e de ação. E aí eu estive, unindo essas convicções com minha experiência, aprendendo com os equívocos. (SARAMAGO, 2007).

Algumas considerações

*... é a linguagem que fala, não o autor;
escrever é, através de uma impessoalidade prévia
(...) atingir esse ponto onde só a linguagem age,
“performa”, e não “eu”: toda poética de Mallarmé
consiste em suprimir o autor em proveito
da escritura (o que vem a ser, como se verá,
devolver ao leitor o seu lugar).
(Roland Barthes, A morte do autor, 2004, p.59)*

Nesse breve percurso sobre a escrita e/ou a autoria do/no blog, parece-me pertinente apontar que, no modelo humanista (estruturalista, digamos), as categorias de autor, texto e leitor eram consideradas auto-evidentes e separadas: um autor era alguém que produzia um texto que seria lido por um possível leitor. O autor era tido como possuidor de algum poder criativo, aquele que dava existência a algo considerado “novo”. Do ponto de vista que arrisco chamar de pós-estruturalista e da perspectiva dos estudos discursivos pecheuxianos em que esse

estudo se insere, as relações entre autor-texto-leitor se dão na relação entre linguagem e posição-sujeito, proporcionando, não só no caso do blog “Outros Cadernos de Saramago”, a emergência do efeito-autor. Sob essa ótica, é

pela incompletude da linguagem – todo texto tem a ver com outros textos, existentes, possíveis ou imaginários, pois ele tem sobretudo uma relação necessária com a exterioridade, estabelecendo assim suas relações de sentido – e pela dispersão do sujeito – que aparece em sua descontinuidade no texto – [que] o autor [e também o leitor] não realiza[m] jamais o fechamento completo do texto (...) (ORLANDI, 2004, p.76-77).

É com base nessas proposições acerca da constituição do sujeito e do sentido como moventes na história que tenho procurado refletir sobre a escrita e/ou a autoria do/no blog. Retomo, outra vez, algumas colocações de Orlandi, agora do texto ‘Ler Michel Pêcheux hoje’, dado que elas têm norteado essas minhas reflexões sobre a autoria n’“Outros Cadernos de Saramago”: “como significar a leitura desses textos na atualidade? (...) como eles significam na sua história presente? Como produzem uma história de reflexão? Como os vemos hoje? Como significamos o que lá está posto se sabemos que os sentidos não têm origem assinalável e tampouco estão já lá?” (2011, p.16). Ao modo dessas indagações propostas pela autora sobre a questão da leitura e da interpretação dos textos de Pêcheux, tenho refletido sobre algumas entradas do blog “Outros Cadernos”, que trazem em suas postagens recortes das palavras de Saramago já publicadas em outros espaços de circulação (como jornais, revistas, livros, entrevistas, conferências, etc.) e que parecem apontar que “tudo ainda é tal e qual, e no entanto nada é igual”.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Ana Silvia Couto. Sujeitos, entre travas e deslizes. In: ROMÃO, Lucília Maria Souza; GALLI, Fernanda Correa Silveira. *Rede eletrônica: sentidos e(m) movimento*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011a, p.47-58.

- _____. Gestos de escrita em ambientes virtuais – uma análise. In: DIAS, Cristiane. E-urbano: *Sentidos do espaço urbano/digital*, 2011b. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/>>. Arquivo acessado em 16 de outubro de 2012.
- BALDINI, Lauro José Siqueira. A autoria é algo que se ensina? In: *Anais 16º Congresso de Leitura*, Unicamp/Campinas, 2007. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-orto/edicoes_anteriores/anais16/sem07pdf/sm07ss06_05.pdf>. Arquivo acessado em 10 de outubro de 2012.
- BARTHES, Roland. A morte do autor. In: BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Trad. Mario Laranjeira. 2.ed., São Paulo: Martins Fontes, 2004, p.57-64.
- _____. Inexprimível amor. In: BARTHES, Roland. *Fragments de um discurso amoroso*. Trad. Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.157-161.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 9.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- _____. O que é um autor? In: FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Trad. Antonio F. Cascais e Eduardo Cordeiro. 4.ed., Lisboa: Veja Passagens, 2002 [1969], p.29-88.
- GALLO, Solange Leda. *Discurso da escrita e ensino*. 2.ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.
- NUNES, José Horta. Escrita e subjetivação na cidade. In: MARIANI, Bethania (org.) *A escrita e os escritos: reflexões em análise do discurso e em psicanálise*. São Carlos: Claraluz, 2006, p.45-58.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso em análise: sujeito, sentido e ideologia*. Campinas: Pontes, 2012.
- _____. Ler Michel Pêcheux hoje. In: PÊCHEUX, Michel. *Análise de discurso: Michel Pêcheux – Textos selecionados: Eni Puccinelli Orlandi*. Campinas: Pontes, 2011, p.11-20.
- _____. Subjetividade, inscrição, ritmo e escrita em voz. In: MARIANI, Bethania (org.) *A escrita e os escritos: reflexões em análise do discurso e em psicanálise*. São Carlos: Claraluz, 2006, p.13-30.
- _____. *Interpretação: Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 4.ed. Campinas: Pontes, 2004.
- _____. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 3.ed. Campinas: Pontes, 2001.

_____. *Discurso e Leitura*. 5.ed. São Paulo: Cortez / Campinas: Editora da UNICAMP, 2000.

SARAMAGO, José. “Ser escritor é uma maneira de entender o mundo”, diz Saramago. *El País*, 16/11/2007. Disponível em: <<http://www.contee.org.br/noticias/msoc/nmsoc62.asp>>. Arquivo acessado em 16 de outubro de 2012.

Recebido em: 29/10/2012. Aprovado em: 12/11/2012.